

## AUTISMO E INCLUSÃO: DA TEORIA À PRÁTICA

**Maria do Carmo Bezerra de Lima silva<sup>1</sup>; Rachel de Maya Brotherhood<sup>2</sup>**

**RESUMO:** A inclusão escolar de deficientes é um tema controverso que vem sendo amplamente debatido pela sociedade. Objetivando conhecer melhor o tema, especialmente em relação à criança autista, desenvolve-se esta pesquisa. A escolha do autismo deveu-se ao fato de ser uma síndrome pouco conhecida e de existirem poucos movimentos para promover a inclusão escolar de autistas. Pretende-se também definir o papel do professor e seu posicionamento, e de professores em formação, quanto a questões relativas ao tema. O trabalho foi dividido em dois momentos. Inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o conceito de inclusão na sociedade e na escola, sua origem, evolução histórica e legislação pertinente no Brasil e exterior. Esta etapa já realizada conclui que, no Brasil, existem leis que definem a prática da inclusão, mas carecem de mecanismos que garantam o seu cumprimento. Foi feita também uma descrição da síndrome de acordo com a literatura, considerando características, diagnóstico e formas de intervenção. Para o segundo momento está planejada uma análise da formação de professores que atuam no ensino fundamental e de alunos de Pedagogia, para definir seu conhecimento sobre o autismo e seu preparo para promover a inclusão. Estão sendo aplicados questionários a alunos do curso de Pedagogia do Cesumar e profissionais da rede pública de ensino fundamental da cidade de Maringá. A escolha das escolas, dos profissionais e dos alunos foi aleatória. Espera-se demonstrar a necessidade de uma formação mais adequada para que se possam efetivar os propósitos legais de inclusão escolar da criança autista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Inclusiva; Autismo; Legislação e Prática.

### 1 INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema que tem recentemente gerado muitos debates em nossa sociedade. Fala-se, escreve-se e discute-se muito sobre o assunto, porém quando chega o momento da prática, vê-se muitas barreiras a serem transpostas. Estas se manifestam em forma de preconceitos, paradigmas inadequados, medos, temores, dúvidas, incertezas, ignorância, etc. Outra forma de manifestação destas barreiras são as políticas públicas ineficientes. Estas se traduzem em leis que, no seu aspecto geral, são cheias de belas intenções, mas que não definem mecanismos operacionais efetivos, que garantam sua aplicação. Neste aspecto, existe uma enorme dicotomia entre teoria e prática.

Na verdade, não há como se falar de inclusão, sem se falar dos excluídos. No presente caso, os excluídos são as pessoas com deficiência. Sua história de exclusão remonta aos primórdios da história do homem, em que, na antiguidade, eram mortos, por serem considerados inválidos e incapazes. Com o passar do tempo, a religião passou a determinar os valores humanos e a pessoa com deficiência passou a ser vista como alguém digna de compaixão, e, por isso, passou a ser cuidada por aqueles que viam nessa prática um meio de alcançar o favor divino. Mais tarde, a partir do final do século XVIII, os valores humanistas, associados com o avanço da ciência, além do desafio de

<sup>1</sup> Discente do Curso de Pedagogia. Departamento de Pedagogia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC)

<sup>2</sup> Docente e Coordenadora do Curso de Pedagogia. Departamento de Pedagogia do Centro universitário de Maringá - CESUMAR

estudar o comportamento humano e as possibilidades de intervenção para a mudança deste, levaram algumas pessoas a se interessarem pela pesquisa da deficiência. Foi nesta época que surgiram os primeiros escritos sobre o assunto, e, a partir daí, começaram a difundir-se as instituições em forma de internato ou escolas residenciais para o atendimento às pessoas com deficiência. Desta forma, estas continuaram sendo segregadas. Antes, com a intenção de retirá-las do convívio social, agora, com o objetivo de torná-las autônomas, ensinando-lhes princípios de higiene, cuidados com o corpo e trabalhos manuais, embora esta autonomia não significasse liberdade, pois deveriam permanecer na instituição.

No momento atual, existe uma pressão de alguns segmentos da sociedade em prol de uma inclusão real. No âmbito social, SASSAKI conceitua inclusão como sendo

O processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade, buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1997, *apud* SASSAKI, 2002, p.3).

Dentro destes parâmetros, percebemos que a inclusão ainda é algo a se alcançar, e ela ocorre a passos lentos no nosso país.

Em se tratando especificamente da inclusão escolar, o Centro Nacional de Reestruturação e Inclusão Educacional, define como:

Educação inclusiva significa provisão de oportunidades equitativas a todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiências severas, para que eles recebam serviços educacionais eficazes, com os necessários serviços suplementares de auxílios e apoios, em classes adequadas à idade em escolas da vizinhança, a fim de prepará-los para uma vida produtiva como membros plenos da sociedade. (*apud* SASSAKI 2002, p. 122).

Incluso neste rol de pessoas com necessidades educativas especiais está o autista. Este não é considerado como uma pessoa com deficiência, mas como um indivíduo com transtornos globais do desenvolvimento. O autismo é definido com sendo : um distúrbio do desenvolvimento. Uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial que faz com que a criança reaja a alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto a outros reage debilmente. E que, muitas vezes a criança se 'ausenta' do ambiente das pessoas que a cercam a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores. O autismo é uma anomalia da infância que isola a criança de relações interpessoais. Ela deixa de explorar o mundo à sua volta permanecendo em vez disso em seu universo interior (GRANDIN; SCARIANO, 1999).

A pessoa com autismo apresenta alterações qualitativas das interações sociais recíprocas, na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Devido a isso, apresentam também dificuldades de aprendizagem, podendo esta estar associada ou não a limitações no processo do desenvolvimento biopsicossocial. E é por isso que, "hoje é uma verdadeira revolução o fato de que as crianças autistas tenham o direito à educação e a serem educadas em escolas regulares, nas quais são considerados alunos com necessidades educacionais especiais" (SECADAS, 2007, p. 221). Este ainda cita que 75% das crianças autistas têm a deficiência mental associada e que, portanto, nem todos os autistas podem ter o benefício da inclusão escolar, pois esta requer da criança um mínimo de capacidades intelectuais, sensoriais e motoras. Entretanto, ainda segundo o autor citado, para este pequeno

contingente de autistas estudando em classes regulares (dados estatísticos mostram que nos Estados Unidos, por exemplo, onde houve uma intensa mobilização para diagnosticar as crianças com autismo, apenas 4,7% delas estavam integradas no ano acadêmico de 1991/1992) o aprendizado é possível, desde que os currículos sejam adaptados às necessidades individuais destes, porque, segundo Melli

Não temos condições de afirmar o quanto uma criança pode ou não aprender. O importante é que os professores entendam que existem diferenças individuais entre quaisquer crianças, existem preferências e ritmos de aprendizagem, e tudo isto deve ser levado em consideração e ser respeitado no momento da organização de ações educativas. Estas precisam estar ajustadas às necessidades educacionais dos alunos, sem que os conteúdos acadêmicos sejam prejudicados. (MELLI, *in*: MANTOAN, 2001, p. 24).

A autora ainda afirma:

A pessoa com deficiência e/ou com problemas para aprender possui uma dificuldade real para realizar trocas apropriadas com o meio em que se insere e precisa desse meio para superar ou desenvolver formas alternativas ou compensatórias que lhe permitam conhecer o mundo e a si mesmos, de acordo com seus recursos e possibilidades. Se o meio escolar possibilita essa interação, o aluno tende a progredir. Cabe observar que as trocas interpessoais que favorecem o desenvolvimento e a aprendizagem são aquelas que colocam em xeque as concepções do sujeito, exigindo elaborações mais complexas ou a revisão das próprias idéias. Em outras palavras, são trocas que provocam os chamados conflitos cognitivos (MELLI, 2001, p. 22).

Neste contexto de interação entre pares um, entre os diversos métodos e programas desenvolvidos para a educação dos autistas, tem se mostrado especialmente eficaz. É o TEACCH, cujo objetivo é integrar crianças autistas e outras crianças incapacitadas em contextos educacionais (SECADAS, 2007).

Como se pode perceber, para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças. Tal conhecimento deveria ser efetivado no processo de formação desses profissionais, sobretudo dos professores que atuam no ensino fundamental.

Em resumo, para que haja uma aprendizagem efetiva por parte do aluno autista, é necessário que o professor esteja disposto a mudar suas concepções de ensino-aprendizagem, e reconhecer que a inclusão deste no ensino regular trará a ele e aos demais alunos os benefícios de uma nova visão sobre o mundo e as pessoas.

Desta forma, a presente pesquisa tem por objetivo fazer um levantamento do processo de inclusão no Brasil e no exterior, e fazer as devidas relações; identificar as causas que dificultam sua realização e investigar o conhecimento e a postura do professor quanto ao tema. Assim como também o conhecimento e o posicionamento de professores em formação em relação ao assunto abordado.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Foi realizado um processo de revisão de literatura cujos resultados estão sintetizados no item anterior. O levantamento dos dados referentes à inclusão do autista no ensino regular está sendo obtido através da aplicação de questionários a professores do ensino fundamental do Município de Maringá, alunos do curso de Pedagogia do Cesumar e alunos do curso de formação de docentes do Instituto de Educação Estadual de Maringá.

Os questionários foram elaborados e pré-testados com professores e alunos do Curso de Pedagogia do Cesumar.

Os sujeitos da pesquisa são:

15 alunos do segundo e quarto ano do Curso de Pedagogia do Cesumar, escolhidos aleatoriamente em sala de aula. As professoras Rachel Brotherhood e Maria Rosânia Mattioli, respectivamente, acompanharam e auxiliaram na aplicação dos questionários para coleta dos dados. Os dados coletados estão sendo tabulados e analisados quantitativa e qualitativamente.

Para coletar os dados junto aos professores da rede pública municipal de ensino, foram escolhidas duas escolas municipais de médio porte, situadas na periferia da cidade de Maringá. A aplicação será realizada imediatamente após o retorno das aulas, após o recesso decorrente da influenza H1N1. A escolha dos professores será aleatória, considerando os professores que estejam em sala de aula no dia da coleta.

Os sujeitos escolhidos no Instituto de Educação Estadual de Maringá serão 15 alunos, também escolhidos por sorteio entre todos os alunos do quarto ano do curso de Formação de Docentes daquele Instituto. O levantamento de dados será executado também logo após o retorno do recesso escolar, e em seguida os dados serão analisados.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos na pesquisa de campo serão analisados qualitativamente à luz da literatura revisada. Espera-se identificar a postura dos professores e relacionar essa postura à formação pedagógica recebida e também a interpretação desses profissionais e alunos acerca do processo de inclusão escolar de autistas.

## **4 CONCLUSÃO**

A inclusão escolar é ainda um assunto que gera muitas discussões e dúvidas no meio acadêmico e junto aos profissionais da educação. Os acadêmicos são quase que unânimes contra o processo de inclusão das pessoas com deficiência em classes do ensino regular. Estes se dizem despreparados para fazer as intervenções e adaptações que se fazem necessárias. Espera-se, a partir dos resultados deste estudo, confirmar esta inferência decorrente dos resultados preliminares e contribuir no sentido de propor medidas de formação que venham desmistificar a visão dos pedagogos e prepará-los mais adequadamente para serem profissionais envolvidos com a inclusão do autista.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GRANDIN, Temple; SCARIANO, Margareth M.. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

JIMÉNEZ, Rafael Bautista. Educação especial e reforma educativa. In: BAUTISTA, Rafael. *Necessidades educativas especiais*. Lisboa: Dinalivro, 1997, p. 12-59.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras**. São Paulo: Memnon, 2001.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2003.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NOGUEIRA, Tânia. Autismo. **Revista Época**. P. 76-85, jun/2007.

PACHECO, José. **Caminhos para a Inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SECADAS, Celedonio Castanedo. **Autismo Infantil: avaliação e intervenção psicopedagógica**. In: GONZÁLEZ, Eugenio. *Necessidades educacionais específicas*. Porto Alegre: Artmed, 2007, cap. 11.